

13. Suportar na esperança

Para São Bento, essa procura que aguarda é a substância da vida monástica e, portanto, da vida cristã que a vida monástica deseja viver com essencialidade. São Bento pede para verificar se o noviço “procura verdadeiramente a Deus” (RB 58, 7). E quando fala da virtude da paciência, que suporta tudo e, portanto, dá sentido positivo a toda experiência, a todo esforço, graças a Cristo crucificado e ressuscitado, ele a faz coincidir com a expectativa pelo Senhor: “*Sustine Dominum*” – “espera no Senhor”. O mesmo verbo latino, *sustinere*, muitas vezes repetido no quarto grau da humildade, que consiste em suportar tudo por amor a Deus, significa ao mesmo tempo “suportar” e “esperar” (cf. RB 7, 35-43). O que se suporta são as experiências negativas da vida, mas o que se aguarda é a vinda do Senhor. É como se São Bento quisesse nos dizer que as fadigas que suportamos com paciência se transfiguram em espera perseverante do Senhor, são a encarnação da expectativa pelo Senhor, e, portanto, da esperança n’Ele que vem para nos libertar, para nos consolar, para carregar conosco os fardos da vida. Quem suporta aguarda, espera e consegue suportar precisamente porque a sua fadiga tem o sentido da expectativa, tem a tensão da expectativa, a energia amante da expectativa, ou seja, está permeada de fé e esperança em um Outro que está vindo para nos salvar.

Cristo veio, vem agora e virá no final dos tempos justamente para dar a toda a experiência humana o sentido e o significado da espera por Ele e, portanto, do encontro com Ele. Cristo é o Esposo que vem, que vem ao nosso encontro. O sentido da espera é o encontro que lhe proporciona a realização.

Recentemente, em *Notre Dame des Neiges*, o mosteiro que os Trapistas doaram às nossas monjas de Boulaur para ali estabelecerem uma fundação, mosteiro que foi a comunidade na qual entrou como noviço Charles de Foucauld, e para o qual mais tarde ele retornou para se preparar à ordenação presbiteral; pude celebrar com o cálice de São Charles de Jesus e descobri que na base do cálice está escrito: “*Ecce Sponsus venit*” – “Eis que o Esposo vem”. A Eucaristia é a antecipação do encontro que toda a expectativa humana espera.

De fato, é a vinda de Cristo que cria, que suscita em nós o senso da expectativa, da esperança que dá sabor, fervor e plenitude à vida. Como o sugere o profeta Isaías: “Antes mesmo que me chamem, eu lhes responderei; estarão ainda falando e já serão atendidos” (Is 65, 24). É porque Deus se dá por primeiro que o coração humano o busca. É o eterno Deus, de fato, que cria no coração humano, ou melhor, com o coração humano, a expectativa por Ele. O Eterno cria o tempo para criar o espaço da espera por Ele.

É o próprio coração que nos testemunha essa realidade. O pecado, porém, enganou o tempo e a eternidade, porque enganou o tempo da expectativa por Deus. A mão de Eva e de Adão, querendo agarrar imediatamente uma autorrealização alternativa a Deus, corrompeu o sentido do tempo, o significado do tempo, a beleza do tempo, porque traiu a expectativa de Deus.

O pecado original foi um agarrar de imediato, foi uma redução do anseio do tempo pelo eterno a um “*main-tenant*”, a um “possuir em mãos” o fruto arrancado, sem esperar pelo Senhor que, mais cedo ou mais tarde, no-lo daria, que no-lo daria como encontro com Ele que nos dá tudo. “Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas que por todos nós o entregou, como não nos dará também com ele todas as coisas?” (Rm 8, 32). Nós, do Pai, podemos esperar tudo, porque ele já nos deu tudo em seu próprio Filho dileto.

Com o pecado, o tempo perdeu a plenitude e beleza de ser espaço de expectativa de Deus, que nos cria para atrair-nos a Ele. Deus, depois do pecado, vem passear no jardim, ou seja, o Eterno se exprime no tempo, passa pelo tempo, e então descobre que o tempo para o homem e a mulher não é mais um tempo de expectativa por Ele. O homem não sai mais ao seu encontro: o tempo para o homem não está mais voltado ao encontro com seu Criador. O homem não vive mais o tempo para encontrar o Senhor; ele não o vive mais vigiando à espera do Esposo. O tempo da vida humana torna-se, assim, sem sentido, como se caminhássemos sem direção em um deserto.

O que faz então Deus para nos chamar mais uma vez a esperar Nele, que dá sentido à vida? Deus deixa entrar na experiência humana o cansaço, a dor e a morte: o cansaço do trabalho, a dor do parto, a morte que rompe o tempo humano (cf. Gn 3, 8-19).

O cansaço, a dor e a morte desmascaram a ilusão de possuir o tempo, o sentido do tempo, o valor do tempo, ou seja, o sentido e o valor da nossa vida. É uma experiência negativa, é claro, mas também positiva, porque o homem pode descobrir, e Deus não deixará de revelar a ele, que o cansaço, a dor e a morte podem ser ocasiões para reencontrar o verdadeiro sentido do tempo da vida. O homem pode descobrir que o cansaço, a dor e a morte, se vivenciados de novo na expectativa pelo Senhor que nos ama e nos cria, podem se tornar sinal e experiência do eterno. Não apenas experiências nas quais o tempo nos é arrancado das mãos, mas ocasiões nas quais o tempo pode ser dado, oferecido; nas quais o tempo da nossa vida pode mendigar de mãos vazias o Eterno que nos ama e nos cria, mesmo depois do pecado, ou melhor, *sobretudo* depois do pecado. De mãos vazias, isto é, com mãos que não mais agarram, que não são mais garras de uma ave de rapina, mas expressão da acolhida de um dom.

É, no fundo, esta a descoberta do amor, da caridade: que o cansaço, a dor e a morte que experimentamos no tempo podem se tornar espaços de oferta que afirmam um Outro e, portanto, formas intensas de espera Dele; tão intensas que coincidem com a experiência do Eterno, do TU eterno.